

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIII

**Elogio Histórico do Académico Carlos
Gomes Bessa**

JOSÉ LOUREIRO DOS SANTOS†



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2022

Elogio Histórico do Académico Carlos Gomes Bessa

JOSÉ LOUREIRO DOS SANTOS†

Conheci o Académico de quem tenho a honra de fazer o elogio em 1969 quando, tendo acabado o curso de Estado-Maior, fui nomeado professor do Instituto de Altos Estudos Militares, acumulando com funções na Repartição de Gabinete do Chefe do Estado-Maior do Exército, dependendo diretamente de Carlos Gomes Bessa, então Tenente-Coronel do Corpo de Estado-Maior, que desempenhava a função de Chefe da Secção do Ultramar.

Enquanto eu começava a minha carreira no Corpo de Estado-Maior, Carlos Gomes Bessa servia neste prestigiado Corpo desde 1955, data em que nele ingressara. Além desta função, o Tenente-Coronel Gomes Bessa, ascendera ao alto cargo de Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, na qual procurava revitalizar esta organização da juventude, onde aliás já havia prestado muitos e relevantes serviços.

Mais tarde, depois do Golpe Militar de Abril de 1974, na sequência do qual havia sido passado à reforma por motivos políticos, voltaria a ter oportunidade de o contactar na *Revista Militar*, da qual foi um dos mais ilustres sócios e dos mais frequentes colaboradores. Foi esta convivência na *Revista Militar* que me permitiu conhecer o elevado nível intelectual e cultural de Gomes Bessa, os seus invulgares conhecimentos de História militar, e a agilidade, inteligência e ponderação com que analisava a evolução da situação internacional sobre a qual publicava crónicas regulares nas páginas da *Revista*, além da enorme capacidade de realização que possuía, da simpatia que irradiava e do esmerado trato da sua convivência, particularmente com os mais novos, como eu.

Entretanto, Gomes Bessa tinha preenchido já uma carreira que o notabilizara perante os seus pares e lhe criara o respeito dos seus superiores, tal como revelam os inúmeros louvores com que fora honrado e as condecorações com que fora agraciado.

Resumo essa carreira: depois de passar pelo Liceu Rodrigues de Freitas (por onde também eu viria a passar cinco anos depois dele sair), frequentou o Curso

para Oficial de Artilharia na Escola do Exército, de 1942 até 1946, altura em que foi promovido a Alferes e colocado no Regimento de Artilharia Pesada da Serra do Pilar; em 1947 chega a sua promoção a Tenente e é admitido no Curso de Estado-Maior do Exército, onde se qualifica com o Curso Geral (2 anos de curso e 1 de estágio); é promovido a Capitão em 1953 (ano em que eu estava a entrar na Escola do Exército) e frequenta o Curso Complementar de Estado-Maior, prestando as respetivas provas, a que se segue mais 1 ano de Estágio, para entrar no Corpo de Estado-maior em 1955; desempenha sucessivos e variados cargos de que destaco: Chefe do Estado-Maior do Comando Territorial Independente da Guiné (1956 a 1960) já como Major, Chefe da Secção do Ultramar, onde me teria como subordinado, de 1961 a 1969, sendo entretanto promovido a Tenente-Coronel (1963); como Coronel, posto que atingiu em 1970, é colocado como Subchefe do Estado-Maior do Quartel-general das Forças Armadas de Angola (Janeiro de 1970 a Abril de 1972); regressa a Lisboa onde desempenha as funções de chefe da 3.^a Repartição do Estado Maior do Exército durante escassos meses, findos os quais segue para Comandante do Regimento da Serra do Pilar, primeira Unidade em que prestara serviço como oficial, funções que exerce em 1973. Neste ano o Conselho Superior do Exército escolhe-o para a frequência do Curso de Altos Comandos. Chefia a 2.^a Repartição do Estado-Maior do Exército durante alguns meses em 1974, findos os quais seria afastado do serviço ativo.

A qualidade dos relevantes serviços que prestou a Portugal como militar é atestada por inúmeros louvores e condecorações, de entre as quais se destacam 2 medalhas de serviços distintos (c/palma), medalhas comemorativas das expedições à Guiné e das campanhas de Angola, assim como a Ordem Militar de Avis (oficial e comendador) e a Ordem da Instrução Pública e a Ordem Militar de Santiago da Espada (Grande Oficial).

Mas a Carlos Gomes Bessa também seriam reconhecidos os brilhantes serviços prestados no âmbito do Ministério da Educação Nacional, relacionados com os destacados lugares de direção com que percorreu toda a organização da Mocidade Portuguesa, chegando a ascender ao seu topo como já vimos. Incentivou a preparação cultural e artística da juventude, desenvolveu medidas de promoção das atividades de jornalismo, cinema e fotografia, música e artes plásticas; promoveu atividades de apoio social escolar; incrementou o intercâmbio juvenil com o estrangeiro, a ação editorial da juventude; e desenvolveu funções inovadoras

no âmbito do ensino, o relacionamento internacional no domínio do desporto, entre muitas outras iniciativas.

No âmbito exterior às funções de Estado em que esteve envolvido, a primeira Instituição dedicada ao pensamento e à investigação onde Carlos Gomes Bessa se integrou, quando ainda se encontrava no serviço militar ativo, foi a vetusta Sociedade de Geografia de Lisboa para onde entra em 1963.

Depois de abandonar a efetividade de serviço nas fileiras, o nosso confrade iria percorrer uma nova e brilhante carreira, como se tivesse mantido a sua ação de serviço à Pátria, mas agora desviando o foco do seu interesse para o campo do Pensamento, da Cultura e da Inteligência, como investigador de História, nomeadamente de História Militar, transformando-se num dos seus maiores especialistas.

Em 1976, Carlos Gomes Bessa é eleito sócio da *Revista Militar*, de que foi Diretor-Gerente desde 1977, durante longos e muito frutuozos anos. De entre as suas inúmeras atividades neste âmbito, cito: a elaboração das “Crónicas do Mundo Militar” em todos os números da *Revista*; a cooperação na organização da Comemoração dos 150 anos da *Revista*, entre 1998 e 1999, e do Primeiro Congresso da Imprensa Militar em Setembro de 1999 em que tomaram parte 67 representantes de revistas de defesa e militares da Europa, Ásia, África, e América; e a organização e publicação da separata *Presença Portuguesa no Oriente*.

Entra para sócio da Sociedade História da Independência de Portugal em 1982 e é eleito Vogal Vitalício do seu Conselho Supremo em 1984.

É eleito académico correspondente da Academia Portuguesa de História em 1982, e seu académico de número em 1985, nela desempenhando as funções de Secretário-Geral durante nove anos. É sócio correspondente da Academia Nacional de la História, da Venezuela. Desde a mesma data, é académico correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em 1989, juntamente com o General Themudo Barata, seu grande amigo, ajudou a criar a Comissão Portuguesa de História Militar, da qual foi vice-presidente desde a sua fundação, e secretário-geral. Em 1991, tornou-se académico correspondente da Real Academia de la Historia de Espanha e passou a integrar o Círculo Eça de Queiroz.

Em 5 de Fevereiro de 1987 é eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa para a 4.^a Secção da Classe de Letras – História e Geografia;

em 24 de Julho de 2008 é eleito seu sócio efetivo para a 7.^a Secção – Sociologia e Outras Ciências Humanas e Sociais, passando a supranumerário em 31 de Maio de 2010 e a sócio emérito em 25 de Junho de 2013. Viria a falecer pouco tempo depois – no dia 1 de Novembro passado.

A entrada de Carlos Gomes Bessa na nossa Academia veio culminar aquela que poderemos designar por sua segunda carreira, cuja característica mais marcante é o seu brilhante percurso no campo das Ciências Militares, nomeadamente nos ramos da História, da Geopolítica e da Estratégia, carreira já iniciada e bem desenvolvida enquanto se encontrava no serviço ativo na sua carreira de sempre – o serviço militar à Pátria.

Com mais de duzentos títulos publicados, podemos sintetizar da seguinte forma a natureza da sua obra científica nesta matéria – expressiva, exploradora e frequentemente inovadora. Desde os tempos em que servia nas fileiras que os primórdios do seu imenso labor se fizeram sentir. Dessa época, lembro a monografia *Campanha contra os Namarrais* (1951), a biografia de D. Pedro de Meneses (1956), *A África e as suas Complexidades e Incidências do Islamismo no Ultramar Português* (1965).

Nem deve ser esquecido o seu ensaio sobre “O combate de Muíte”, em que seu pai, o então Tenente Aníbal Bessa, participara, quando servira em Moçambique durante a I Guerra Mundial.

Merecem ser especialmente salientados os trabalhos que publicou sobre o papel dos países neutros na II Guerra Mundial, nomeadamente, o caso de Portugal, a importância estratégica dos Açores e de Timor para os principais contendores, o que dá continuidade aos seus múltiplos escritos quando ainda se encontrava ao serviço nas fileiras sobre os assuntos África e Ultramar, Organização Militar, História, Estratégia e Geopolítica.

Deve ser dado idêntico destaque ao enorme prestígio granjeado pelo nosso confrade em meios académicos estrangeiros relacionados com a História, como nas Academias de História da Espanha, da Venezuela e do Brasil, onde efetuou brilhantes comunicações.

A justificar o elevado nível dos textos de Carlos Gomes Bessa, recordem-se alguns dos prémios literários que lhe foram atribuídos: pela *Revista Militar*, o prémio “Angola 1972” pelo estudo “Angola. A luta contra a subversão e a colaboração civil-militar”, dois prémios “Almirante Augusto Osório”: um pelo texto

“Reestruturação das Forças Armadas, presença na NATO e outros fatores relacionados” (1976), e outro pelo escrito “A guerra-Forças Armadas e Comando, o Coronel Beça, Exemplo de Chefe e Educador de Militares” (1989); e o prêmio de História “Calouste Gulbenkian – Presença de Portugal no Mundo” pelo estudo já referido “O combate de Muíte” (1985).

Atestando o muito brilho e importância da sua vida e obra, por iniciativa da Academia Portuguesa de História com a colaboração da Comissão Portuguesa de História Militar, foi honrado com a publicação de um conjunto de textos escritos por diversos e reputados autores, como reconhecimento do seu nível cultural e intelectual e pelo seu relevante valor académico, no ano de 2002, quando completava os 80 anos, conjunto intitulado *Preito de Homenagem*. Dele extraio e cito uma passagem da responsabilidade dos presidentes das duas instituições que o promoveram, respetivamente Professor Joaquim Veríssimo Serrão (nosso ilustre confrade) e General Manuel Themudo Barata, já referido pelo Tenente-General José Lopes Alves no “In Memoriam” do Coronel Calos da Costa Gomes Bessa no n.º 2542 da *Revista Militar* (em Novembro de 2013):

Saudando o militar que serviu o Exército e a Pátria em missões sagradas; o historiador que abriu novos horizontes para a captação do destino português disperso pelo mundo; o académico que tem honrado as instituições nacionais e estrangeiras para que foi eleito; e o cidadão que em todas as circunstâncias merece ser considerado um Português de Lei – saudamos o Coronel Carlos Gomes Bessa na data do seu jubileu, com os votos de fervor que brotam da gratidão e do afeto.

O saudoso confrade Carlos Bessa, sócio correspondente da nossa Academia desde 1987 e efetivo a partir de Julho de 2008, revelou-se sempre um académico assíduo, participativo e colaborante, conforme se pode ver nas atas das sessões ocorridas no reduzido período em que foi possível usufruir da sua companhia. O seu estado de saúde veio impedir a sua atividade entre nós, pouco tempo depois da segunda comunicação que aqui apresentou, em 23 de Outubro de 1997, intitulada “A Implantação da República da China passou por Macau. Uma carta de Sun Yat Sen para o governador José Carlos da Maia”. Mostrando mais uma vez a sua capacidade de investigação histórica e estratégica em relação às

parcelas de território que os portugueses tinham percorrido. Aliás, na sequência de uma outra comunicação efectuada em Julho de 1991, com o título “O combate de Negomano (Moçambique 1917) e a condição militar. Algumas reflexões”.

Comunicações que, entre os seus muitos escritos, confirmavam o acerto e a sabedoria das palavras que justificaram e aconselharam a sua proposta para sócio correspondente, assinada pelos académicos Joaquim Iria Júnior e Joaquim Veríssimo Serrão. Cito: “Faz-se pois sentir na Classe de Letras a falta de um historiador-militar que mantenha essa nobre tradição numa Academia onde ela sempre teve destacados cultores”: mais atrás, na mesma proposta, eram indicados estes cultores que precederam Carlos Gomes Bessa na Academia (Coronel Cristóvão-Aires, General José Estêvão Morais Sarmiento, General José Teixeira Botelho e Tenente-Coronel Augusto Botelho da Costa Veiga).

Tive a honra de colocar a minha assinatura, a seguir à do Presidente da Classe de Letras confrade Artur Anselmo, na proposta de eleição de Carlos Gomes Bessa para sócio-emérito da nossa Academia. Cinco meses antes de ele nos deixar para sempre.

Saúdo os membros da família de Carlos Gomes Bessa aqui presentes, e sublinho o valor e mérito do parente que recentemente perderam.

(ELOGIO HISTÓRICO APRESENTADO À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 24 DE ABRIL DE 2014)

Saudação ao Académico José Loureiro dos Santos

RAUL ROSADO FERNANDES

Se há temas que certo núcleo do povo português em geral detesta, um deles é a terra, o outro são as Forças Armadas. O primeiro, porque força a trabalhar e a arriscar num clima mediterrânico e irregular como o nosso, apesar da nossa presença atlântica; o segundo, porque pode representar algum risco, um risco maior, ou mesmo perigo de vida, quando é necessário defender a Pátria, que, por sua vez, também é considerada uma noção que, além de sentimental, é exagerada para alguns. Um alemão suspirava um dia, quando lhe perguntei se no seu país ainda havia algum sentimento pelo *Vaterland*, e deu-me a entender que infelizmente era um vocábulo que trazia más recordações.

Não deve ter sido assim que pensou e sentiu José Alberto Loureiro dos Santos, transmontano de Vilela do Douro, concelho de Sabrosa, onde nasceu, quando entrou no combate dos estudos primários em Trás-os-Montes, para acabar num bom Liceu do Porto, e festejar a vitória dessa refrega, ao receber o prémio nacional do melhor aluno dos liceus em 1953.

Depois, veio a entrada para o Curso de Artilharia na Escola do Exército, curso que acabou com distinção no ano de 1957, ainda relativamente calmo para a maioria do nosso povo, no qual nos temos de incluir. Ainda que o fim da década tudo alterará com o conflito na Índia, não negociado diplomaticamente, e que se alastrará para outras partes do império colonial português, contra o qual o Velho do Restelo se pronunciara nos *Lusíadas*. Estaria a visão dele certa? Ninguém o sabe, suspeita-se, e como tudo o que não tem qualquer solução, discute-se.

A dúvida não demoveu o nosso confrade de prosseguir a sua carreira, militar e intelectual, de estudioso interessado em compreender o universo e a sua história tantas vezes hostil, e o papel que, como cidadão do mundo, nele poderia ter nas funções que tinha escolhido como profissão.

Pelo que lemos no seu currículo que desde 1957, ano em que entra na vida militar activa e na vida intelectual activa também, e muito, pois no seu decorrer obterá o grau de Doutor em Relações Internacionais, e apreciando-o até 1998,

data da sua reforma, verificamos nunca mais cessará na sua actividade de militar estudioso e de cidadão pensante. Tal como vemos, está hoje aqui nesta Academia, activo também, como é inevitável, dada a sua personalidade.

Como militar, serviu em Unidades diversas da sua Arma, Artilharia, e nos altos comandos do Exército Português, tendo sido Comandante do Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea, e cumpriu duas comissões coloniais, ou seja, nas colónias, palavra que aqui emprego para não entrar em eufemismos. Em Angola, de 1962 (época já muito perigosa) e 1965, bem como em Cabo Verde, a terra de Baltazar Lopes, o reitor do Liceu de S. Vicente, autor de “O Chiquinho”, onde permaneceu de 1972 a 1974.

São inúmeros os cargos que ocupou, tanto a dirigir a política militar portuguesa, como também a ver o país do ponto de vista de organização do território, sem a qual a segurança pode ser comprometida. Não basta comandar, ou combater, é preciso conhecer o terreno que se pisa, e os locais em que nos podemos esconder, para atacar o inimigo ou dele escapar, ou simplesmente para contribuir pelo nosso esforço para o desenvolvimento de um país, como o nosso, povoado de intelectuais que não observam o princípio enunciado por Anaxágoras, o filósofo pré-socrático, ao afirmar que o que distingue o Homem do Animal, é que o primeiro sabe trabalhar com as mãos.

O confrade Loureiro dos Santos não só teve de trabalhar com as mãos como com a sua inteligência e labor, nas forças armadas, na biblioteca ou em casa, o que permitiu que hoje nos ofereça para consulta e leitura, uma bibliografia variada, porque não só a faz assentar em conhecimentos históricos, como em experiência pessoal de obediência e comando.

Como comprova o conhecimento da obra do nosso confrade, ler e compreender a “Guerra das Gálias” de Júlio César, continua a não ser inútil, nem tão-pouco ler em Tito Lívio o avanço do cartaginês Aníbal, pela Europa Ocidental até Roma, porque diz a lenda, foi lendo o livro XXI da *História* de Tito Lívio que o General americano Patton encontrou inspiração para derrotar no Norte de África as tropas do *Afrikakorps* alemão, comandadas por um grande patriota, depois forçado a morrer, como foi o General Rommel.

Desculpem esta ousadia de lembrar coisas tão antigas, a respeito de um confrade tão moderno e tão activo, mas que nunca descure o que se passou antes de nós, e de tentar prever o que pode acontecer depois de nós, que mais não

somos do que uma continuação modernizada dos nossos antepassados mundiais. Basta para informação pormenorizada, lermos, num dia em que não estejamos deprimidos, os seguintes livros, que dispõem de títulos que não nos deixam dúvidas: *As Guerras que já aí Estão e as que nos Esperam, se Os Políticos não Mudarem* (2009); *A Ameaça Global – O Império em Cheque* (2008), que é a tentativa de compreender e dar a conhecer a guerra do Iraque, em crónicas, que deve ser compreendido como a continuação de *O Império debaixo de Fogo, Ofensiva contra a Ordem Internacional Unipolar* (2006), cujo tema está ligado de forma não bipolar, ou seja esquizofrénica, ao que se está e continua a passar-se numa “guerra morna”, chamemos-lhe assim, entre as grandes potências mundiais, o terrorismo, e tudo aquilo a que eufemisticamente nos referimos, como por exemplo, *a primavera árabe*, que é escaldante. Todos esses temas são tratados em livros de 2003 e 2004.

A verdade é que, até aos nossos dias, passados que são tantos séculos, há muitos mais livros e manuais que nos ensinam o que é a arte bélica e a melhor forma de defendermos o país onde vivemos, ou de lutar contra a fome, o desemprego e a corrupção, que sempre foram e sempre serão as causas de distúrbios violentos dentro das nações ou entre as nações, tendo-se acentuado agora esses perigos devido às telecomunicações e à cibernética, tal como se aponta num excelente artigo da *Revista Militar* de Outubro de 2013.

Eis a razão por que o nosso confrade nos permite ler hoje uma vasta bibliografia variada da sua autoria e proveniente da investigação, como intelectual, e da prática, como militar, depois de tantos anos na vida activa.

Já entrados no exame da sua obra, permito-me apontar para uma das suas últimas publicações, que já demonstra a necessidade que tem de pôr os pontos nos is. Trata-se de um livro intencionalmente de pouco mais de cem páginas, uma vez que é para ser lido, publicado pela *Fundação Francisco Manuel dos Santos*, com o título *Forças Armadas em Portugal*. Embora seja de 2012, cito-o, em primeiro lugar, para que tenhamos conhecimento da matéria e das possibilidades que existem de pôr em prática a manutenção da nossa Defesa e a forma de o fazer, em segundo lugar, porque é absolutamente necessário, mesmo que irenistas ou pacifistas queiram evitar que tal tema seja abordado, como por má sorte o fizeram nas vésperas da I e II guerras mundiais. Morreram milhões de seres humanos e ainda hoje morrem nas mais variadas paragens do globo em que vivemos, devido

a um capitalismo infrene, que nos faz pensar em Darwin e nas infracções ao Estado de Direito e no desrespeito pelas instituições, o que nos está a conduzir inevitavelmente para a decadência moral que detectamos à nossa volta. É só olhar e compreender.

Loureiro dos Santos, tal como os bons historiadores da guerra, e não precisamos de citar Clausewitz e outros, como Latino Coelho, que foi Secretário desta Academia, não deixou de ocupar-se de guerras antigas e longínquas, escreveu sobre a guerra de Ceuta (2002), que foi tema para Humanistas, e da Guerra da Independência, em 1385, quatro anos antes da Guerra do Kosovo, travada no ano de 1389, em que os Sérvios foram derrotados pelos Turcos, que já tinham destronado os soberanos bizantinos, cujo reino já tinha durado cerca de 1.000 anos, passando o império turcomano a dominar desde o Médio Oriente, passando pelos Balcãs e chegando até ao Cairo.

Não tenho a menor dúvida de que desconhecer o Homem do passado, pode significar conhecer mal o Homem dos nossos dias, o que já tem levado países poderosos a cometerem erros crassos, quando em situação de perigo. Até neste problema Loureiro dos Santos pensou, quando meditou, como já vimos, no futuro que nos pode esperar.

Mas nas furtas, nos desvios que, de ano para ano ao correr da história antiga e actual, faz na sua obra, talvez penso eu, para se furta a algum projectil que algum colega mais invejoso contra ele possa disparar. Diz uma história que tem certa graça, que o colega é a invenção diabólica que Satanás lançou para contrariar e destruir a obra lançada por Deus da criação do catedrático, obra portanto divina, que Loureiro dos Santos também já foi, sendo agora académico o que talvez nem seja pior. Esperemos, pelo futuro de todos nós, que estejamos a salvo.

De facto de 1976 a 1991, lemos o que escreveu sobre forças armadas e poder político, apontamentos de História para Militares, incursões no domínio da estratégia e mais próximas dos futricas (expressão coimbrã da luta de estudantes contra os burgueses), como seja, em 1991, *Como Defender Portugal*, omitindo, como patriota que é, o facto de que muitos Portugueses são, em nome do pacifismo, os seus piores inimigos, talvez por mandria, cobardia e cobiça.

Na primeira década do actual século XXI, vemo-lo consagrar a sua investigação em temas já aflorados ao longo da sua brilhante carreira, como sejam a

segurança, a defesa, o império, ou impérios do nosso mundo que, sem qualquer sentido de Humanidade, nos ameaçam a todos, no universo global em que vivemos, pela *Superbia*, de que fala Dante na *Divina Comedia*, como origem dos males da sua época, século XIII, e finalmente verificamos que o confrade, cujo elogio tenho a honra de fazer, não foi atingido por nenhum projectil, como imaginámos, mas sim por um excelente livro de homenagem com artigos de bons pensadores militares, editado no ano passado e coordenado por Francisco Proença Garcia e Abílio Pires Lousada, intitulado *Da História Militar e Da Estratégia*.

Haveria mais, bastante mais a dizer, mas o que posso afirmar, como remate final, é que fiquei impressionado com a visão histórica do nossa confrade, das políticas e das guerras mundiais, que tornam os seus livros numa fonte de ensinamentos que não fatigam os leitores, e que me dão o enorme prazer de ter falado sobre um militar de quem nos orgulhamos e que para mais temos aqui na nossa companhia. Eis uma das razões por que dediquei a minha tradução do Grego antigo da obra de Tucídides, às Forças Armadas Portuguesas, de que o nosso confrade faz parte sem que, pela sua obra tente ser o *Miles Gloriosus* de Plauto, ou seja, *O Soldado Fanfarrão*, mas, muito pelo contrário, um militar que honra o seu país, porque nos basta saber, quanto sabe como intelectual, quanto vale como militar, pois para todos nós académicos, e para os seus camaradas militares, vale muito.

(SAUDAÇÃO AO RECIPIENDÁRIO PROFERIDA NA SESSÃO PLENÁRIA PÚBLICA
DE 24 DE ABRIL DE 2014)